

## **A cobertura da Folha de São Paulo pós Jogos Olímpicos/Rio 2016<sup>1</sup>**

Alessandra Fernandes FELTES<sup>2</sup>

Eduardo Gabriel SEBASTIANY<sup>3</sup>

Dienifer Leticia de Freitas RODRIGUES<sup>4</sup>

Janaina Andretta DIEDER<sup>5</sup>

Mauricio BARTH<sup>6</sup>

Gustavo Roese SANFELICE<sup>7</sup>

### **RESUMO**

Este estudo buscou analisar a pós-cobertura do jornal Folha de S. Paulo um mês após o encerramento dos Jogos Rio 2016. Caracteriza-se como descritivo/quantitativo/qualitativo, tendo como corpus às edições de 22 de agosto a 22 de setembro de 2016 utilizando a análise de conteúdo de Bardin (2016). Foram catalogadas 418 inferências aproximando-se a doze categorias. A pós-cobertura dos Jogos Olímpicos pela Folha de São Paulo foi marcada por um discurso positivo com relação à sua execução, embora o Jornal trouxesse diversos aspectos que o contradizem. Desse modo, o jornal sugere que mesmo graves problemas na realização dos Jogos Olímpicos não têm relevância ou ficam em segundo plano, contanto que não seja destaque na visão internacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cobertura midiática; Jogos Olímpicos; Folha de S.Paulo

### **INTRODUÇÃO**

De acordo com Rubio (2010), Pierre de Coubertin foi responsável por estruturar os Jogos Olímpicos (JO) da Era Moderna, no entanto, sua origem deu-se no ano de 1896. O evento multiesportivo é considerado um megaevento, o qual envolve grande visibilidade e valor simbólico, pelo fato de movimentar a economia e envolver um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 - Interfaces Comunicacionais, GP de Comunicação e Esporte, no do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, e-mail: alessandrafeltes@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Feevale, e-mail: eduardo\_n8@hotmail.com

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Feevale, e-mail: dieniferfreitasrodrigues@gmail.com

<sup>5</sup> Doutoranda do Curso de Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, e-mail: janaina.dieder@gmail.com

<sup>6</sup> Doutorando do Curso de Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, e-mail: mauricio@feevale.br

<sup>7</sup> Orientador do trabalho. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, e-mail: sanfeliceg@feevale.br

---

conjunto de pessoas, fatores, países, governos, de certa forma servindo como estímulo para população que o acolhe (TAFFAREL; SANTOS JUNIOR; SILVA, 2013).

O esporte é considerado um dos maiores fenômenos culturais contemporâneos e seu papel na sociedade moderna é de grande relevância, uma vez que o esporte está intimamente ligado ao corpo social (SANFELICE, 2009). Nesse contexto, encontram-se os megaeventos esportivos, que têm capacidade de mobilização de valores (simbólicos, políticos, ideológicos, econômicos) e, sobretudo, de produção/circulação de representações diversas que se misturam ao acontecimento esportivo em si, extrapolando esse campo (MEZZARROBA; MESSA; PIRES, 2011).

A produção discursiva da mídia esportiva é parte inseparável dos megaeventos, “uma vez que elas são responsáveis pela elaboração de narrativas – audiovisuais e escritas – que reconfiguram os espetáculos num registro ainda mais espetacularizado, ao alcance de um público ampliado” (DAMO; OLIVEN, 2013, p. 48). A cobertura midiática nem sempre tem em seu conteúdo elementos limitados ao campo esportivo, os *media* acabam transcendendo os sentidos e significados do campo esportivo, apelando a aspectos culturais e identitários (SANFELICE, 2009, p. 5).

Vale ressaltar que a mídia não é apenas um intermediador de fatos do acontecido, é, principalmente, um selecionador que enfatiza e intervém por meio de palavras e imagens na construção simbólica dos acontecimentos (BERGER, 2002). Ou seja, os produtos veiculados por ela “ressaltam alguns significados, ocultam outros, incorporam significados correntes em alguns grupos e os ampliam para toda a sociedade”, o que acaba naturalizando representações sociais e operando na manutenção de uma dada relação de forças no interior da sociedade (GASTALDO, 2009, p. 355).

Dentre os grandes jornais brasileiros que cobriram os Jogos Olímpicos no Brasil em 2016, optou-se por analisar a Folha de São Paulo por ser um jornal brasileiro de grande circulação nacional (SACCHITIELLO, 2019). Dessa forma, este estudo teve como objetivo analisar a pós-cobertura do jornal Folha de São Paulo um mês após o encerramento dos Jogos Rio 2016.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva/quantitativa/qualitativa, tendo como *corpus* o Jornal Folha de São Paulo referente às edições de 22 de agosto a 22 de setembro de 2016, representando o período pós-cobertura dos Jogos Rio 2016. Os fragmentos de

---

registros foram todos os seus cadernos deste período considerando títulos, subtítulos, textos, imagens, recursos visuais entre outros, analisando toda inferência relacionada aos Jogos.

O método utilizado para a análise dos dados foi à análise de conteúdo de Bardin (2016). A partir da codificação do material, ao todo, foram catalogadas 418 inferências aproximando-se das seguintes categorias:

1. *Atletas (46 inferências)*: considera-se nesta categoria histórias e expectativas de resultados esperados e/ou inesperados dos atletas.
2. *Investimentos (17 inferências)*: apresenta aspectos relativos a projetos de criação e de restauração dos espaços utilizados durante e após o megaevento.
3. *Mídia (23 inferências)*: trata as inferências relacionadas ao meio midiático.
4. *Modalidades (88 inferências)*: refere-se a reportagens das modalidades que serão apresentadas no período dos Jogos.
5. *Obras (29 inferências)*: aborda questões relacionadas às obras que foram feitas para o megaevento.
6. *Opinião (32 inferências)*: traz a opinião da população e dos jornalistas a respeito dos JO serem sediados no Brasil.
7. *Organização (67 inferências)*: explora questões referentes à organização geral do evento.
8. *Patrocínio (9 inferências)*: contempla grandes marcas que buscam através de patrocínios aumentar sua visibilidade e aumento das vendas de suas mercadorias.
9. *Política (20 inferências)*: explana reportagens vinculadas ao meio político.
10. *Quadro de Medalhas (62 inferências)*: retrata a classificação dos atletas de acordo com as disputas ao pódio.
11. *Saúde (12 inferências)*: abarca inferências relacionadas a investimentos na saúde da população e dos turistas envolvidos no megaevento.
12. *Segurança (13 inferências)*: remete a reportagens pertinentes a organização específica da segurança de toda população que esteve envolvida nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Em seguida, foi utilizada a abordagem qualitativa, que segundo Dijk (1990), possibilita a execução da análise textual e visual suprindo as estruturas do discurso em diversos níveis de descrição.

---

## ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Sob um primeiro olhar, o Jornal folha de São Paulo nas edições de um mês após o término dos Jogos Olímpicos Rio 2016 aparenta dar maior destaque para as categorias “*Modalidades*” e “*Organização*”. Porém, através de um olhar mais crítico, percebe-se que as notícias sobre modalidades não estabelecem muitas relações entre si, além do fato de serem descrições dos esportes que fazem parte dos Jogos. Neste ponto, uma terceira categoria entra em destaque na agenda da Folha de São Paulo: o “*Quadro de Medalhas*”. A seguir, apresentam-se as discussões referentes às categorias estabelecidas de acordo com o que o jornal trouxe aos seus leitores nas edições de 22 de agosto a 22 de setembro de 2016, sendo que cada fragmento de registro foi chamado de inferência. Após a sua classificação nas categorias analíticas, totalizando 418 inferências a partir da codificação do material.

De acordo com Campos (2015), sediar um evento como os JO requer uma estrutura enorme para poder acolher todos os atletas e turistas que vêm prestigiá-los. A edição de 2016 no Rio de Janeiro acolheu mais de 10 mil atletas, representando 206 países em 32 modalidades distintas. Os locais de competições foram divididos em quatro partes da cidade do Rio de Janeiro, aos quais se encontravam os complexos esportivos da Barra da Tijuca, de Deodoro, do Maracanã e de Copacabana.

Nas páginas B12 e B13 do dia 22 de agosto, o jornal descreveu acontecimentos relacionados às “*Modalidades*” que ficaram marcados na história dos Jogos Olímpicos Rio 2016, entre eles alguns personagens, algumas vitórias, confusões e episódios que se destacaram. Foram duas páginas com reportagens pequenas de cada categoria, nas quais se apresentavam atletas que se sobressaíram com vitórias, como Thiago Braz da modalidade de salto com vara, do ginasta francês Samit Ait Saind que sofreu uma fratura na perna durante a classificatória, do velocista Usain Bolt que ganhou o tricampeonato olímpico dos 100m, 200m e do revezamento 4x100m entre outros aspectos marcantes como a torcida e a festa de encerramento.

No dia 22 de agosto, página B14, o jornal apresenta como título a reportagem “Organização Olímpica vence desorganização brasileira” categorizado como “*Organização*”. Ela inicia dizendo que nenhum dos problemas que se esperaria ter nas Olimpíadas ocorreram, graças a organização olímpica que o Rio 2016 teve. Os Jogos Olímpicos reproduziram a metodologia de execução e controle de projetos olímpicos de Sydney 2000 e finalizaram argumentando que devido aos problemas políticos/sociais que

o país passava, os turistas, atletas e jornalistas tinham muitas incertezas, mas encontraram um ambiente propício para o espetáculo.

Como nota-se a seguir na imagem, a mesma reportagem trouxe gráficos levantando os custos e gastos do evento em que apresentava um comparativo de pontos que foram positivos e negativos. Algo relevante para ser observado é o título da matéria, que passa uma ideia positiva do megaevento, ao afirmar que a organização deste foi melhor do que de costume. Embora o jornal inicie seu discurso posicionando-se de forma favorável aos Jogos, há uma mudança brusca em seus argumentos que culminaram na conclusão de que os prejuízos foram muito maiores do que os benefícios.

Figura 1- Caderno de Esporte e Cotidiano da Folha de S. Paulo no dia 22 de agosto de 2016 (B14)



Fonte: Jornal Folha de S. Paulo - <http://acervo.folha.com.br>

Conforme Mesquita (2014), os megaeventos geram muitas oportunidades positivas para a cidade sede, no entanto, é importante fazer com que a população esteja envolvida com o evento, assumindo uma postura positiva com as oportunidades de melhoria da cidade-sede e que ajude a imagem do país como um todo. Todt e Scarton (2017) relatam que sediar um megaevento traz grande visibilidade e quando se pensa em legado imagina-se obras e grandiosidades futuras que virão ao término deste.

O jornal Folha de São Paulo trouxe no dia 22 de agosto na página B10-B11 (figura a seguir), uma reportagem com o título “Melhor que 2012” um balanço comparando as



---

exatamente por isso, a tentativa de o país entrar na agenda midiática para rerepresentar-se, assumir uma postura mais séria e competitiva como superpotência.

Como era importante ficar entre os 10 primeiros colocados no quadro de medalhas, houve investimentos consideráveis no esporte, porém, com retorno abaixo do esperado. Uma possível justificativa para isso é o fator de tempo de preparação apresentar-se mais significativo para o desempenho final do que o fator investimento (FERNANDES; AVILA; CARMO, 2019). Isso levanta duas possibilidades: caso o Brasil apresente desempenho superior e progressivo nas edições futuras dos Jogos Olímpicos se comparado às anteriores, há sinais de que a estrutura e as políticas de incentivo ao esporte advindas de sediar o evento foram benéficas, porém, caso o Brasil manifeste desempenho similar ou pior em edições futuras, esses investimentos foram mal utilizados.

Desde 2007 a viabilização de eventos esportivos em território nacional, iniciados com a realização dos Jogos Pan Americanos no Rio, passando pela Copa do Mundo de Futebol no Brasil no ano de 2014, até chegar aos Jogos Olímpicos Rio 2016, o Brasil fez parte da agenda midiática internacional (TOLEDO GRIX; BEGA, 2015). Desta forma, o país teve a oportunidade de vender não somente uma imagem de belezas naturais exuberantes, mas, também, de superação e desenvolvimento.

Na categoria “*Atletas*”, a Folha deu destaque de uma página inteira para os chamados “Heróis da China” em 22 de agosto, página A13. O informe publicitário fala sobre alguns dos atletas de maior destaque da República Popular da China, todos medalhistas. Sugestivamente, inicia-se contando sobre um atleta halterofilista, levantando 170 Kg, remetendo a força e o poder dos chineses. Segue contando histórias de superação e brilhantismo nato. Essa página serve para enquadrar o país na posição hegemônica que vem adquirindo desde o começo do século XXI, que pode ser visto tanto em sua política exterior (PICCOLI; MOLIN, 2019), quanto no quadro de medalhas (PINTO *et al.*, 2017). Sua publicação reforça a imagem que a China deseja passar aos países influenciados por ela, muito similar a visão que o Brasil desejava passar como discutido na categoria anterior.

Figura 3 – Caderno Mundo da Folha de S. Paulo no dia 22 de agosto de 2016 (A13)



Fonte: Jornal Folha de S. Paulo - <http://acervo.folha.com.br>

Outra publicação que se destaca nessa categoria é da página B4 do dia 22 de agosto sob o título “Serginho, 40, leva seu 2º ouro e diz adeus às quadras”. Nela, o jornal humaniza o herói, relembrando sua trajetória até o ouro, simbolizando a vitória, e sua aposentadoria, simbolizando o retorno grandioso e pleno com o novo conhecimento para compartilhar com o mundo, remetendo à estrutura narrativa de mitos descrita por Campbell (2004). Esse discurso de superação e nacionalidade se repete em quase todas as matérias desta categoria, sobretudo aquelas que falam dos atletas brasileiros.

Nesse ponto de vista, isso mostra o interesse da Folha em articular-se com seu público, sustentando-se pelo fascínio dos leitores com a figura que os representa (HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001). Na página A2 do dia 22 de agosto, por exemplo, o jornal traz como título “O Brasil no pódio” a reportagem que apresenta atletas destaque, argumentando o legado inegável desta Olimpíada para sua sede. Ao tornar as histórias deles públicas, a Folha reforçou o enorme potencial do esporte na luta contra pobreza, a discriminação e falta de oportunidade ilustrado no caso dos atletas Thiago Braz e Rafaela



---

Silva que não eram considerados favoritos e se sobressaíram garantindo o ouro para o país.

Após as Olimpíadas, um dos focos das preocupações veio a ser a manutenção dos espaços que foram construídos para realização do megaevento, como é possível visualizar na reportagem do dia 23 de agosto, na página B2, da categoria das “Obras”. Discutindo sobre a utilização dos espaços da arena olímpica no período pós olimpíada, a matéria relata que a prefeitura planejava manter parte do parque por iniciativa privada e que parte do complexo seria desmontado e transformado em escolas, centros de treinamento e arenas de entretenimento. O processo todo poderia levar cerca de 2 anos e custaria mais de 331 milhões de reais dos cofres públicos para desmontagem e, depois de pronto, seriam gastos 85 milhões por ano em sua manutenção.

A reportagem trouxe um mapa detalhando a localização do complexo e suas estruturas além de um resumo do futuro uso que teriam, bem como a previsão de utilização e o tempo para preparar cada local. Ribeiro (2008) já alertava para importância das instalações se sustentarem economicamente após sua utilização nos JO, do contrário, a deterioração dos equipamentos e da estrutura ficariam comprometidos. Pode-se avaliar o posicionamento da Folha como crítico em relação a essa utilização, indicando problemas de planejamento. Esta notícia é a com maior número de inferências desta categoria e traz a imagem de um único trabalhador na desmontagem, de costas com apenas uma mão envolvida na tarefa de desmontagem.

O título “Adaptação completa do Parque Olímpico deve levar dois anos” traz um tom de demora no processo e ao longo do texto foca na transformação da Arena do Futuro que seria a adaptação mais difícil e lenta. O jornal também dá destaque para o uso das instalações apontando que várias das que estão prontas não possuem nenhum evento esperado e outras tantas só poderão ser utilizadas anos após o início do contrato. Essa perspectiva indica a falta de planejamento estratégico, negligência ou desperdício com relação à utilização/manutenção desses espaços (SCHAUSTECK DE ALMEIDA, 2016).

Com relação a categoria “Opinião” pode-se dizer que é um grande desafio para os comitês Olímpicos e o próprio Ministério do Esporte fazer a população aceitar o megaevento como uma oportunidade de perspectivas positivas (MESQUITA; TSUTSUI, 2014). No dia 18 de outubro de 2016, página A16, o jornal enfatizou a notícia que o patrocínio para grandes eventos como carnaval e Jogos Olímpicos tem pouca influência sobre a escolha do consumidor, segundo a pesquisa de Nielsen. Sete de cada dez

entrevistados dizem nem se lembrar das marcas após as festividades, no entanto 21,3% afirmaram que não mudam o padrão de consumo neste período, mas valorizam as marcas apoiadoras dos eventos. Desta forma, compreende-se que, sempre que ocorrem megaeventos, países, governos e suas economias são estimulados de forma geral (TAFFAREL; SANTOS JUNIOR; SILVA, 2013). Em diversas outras colunas do Jornal, os jornalistas argumentaram acerca de suas perspectivas com relação aos Jogos, algumas vezes criticando, outras elogiando, mas constantemente aparentando se defender de críticas pelo seu posicionamento. Percebeu-se que argumentos como o papel do jornalista e o pessimismo exagerado embasaram as opiniões em várias circunstâncias.

No dia 2 de setembro de 2016, na página B10, o leitor recebe a notícia de que a polícia federal prendeu em julho um grupo de pessoas com a suspeita de planejar um ataque no Brasil utilizando armas químicas durante o evento. O plano do grupo era contaminar uma estação de abastecimento de água. Enquadrou-se o fato na categoria “*Segurança*”.

As reportagens desta categoria retratam os benefícios da força militar e das ações de segurança tomadas para os Jogos. Entretanto, os enquadramentos de insegurança e preocupação da população, bem como os benefícios do controle social funcionam como ferramenta argumentativa que a mídia costuma utilizar como justificativa para ações coercivas contra sujeitos indesejados, o que eleva a especulação imobiliária e garante políticas de segurança ao capital (GAWRYSZEWSKI, 2013). É preciso reforçar que, devido ao período de coleta do material de pesquisa - um mês após o término dos Jogos - muitas notícias deste tema não foram incluídas, pois, devido a sua própria natureza, enquadram-se no período anterior às Olimpíadas. Apresentar a necessidade de controle antecede o megaevento, ao passo que confirmar seus benefícios vêm imediatamente após.

Quase finalizando um mês dos Jogos Olímpicos Rio 2016, 30 de agosto na página A20, se encaixa na categoria “*Mídia*” o jornal utilizou uma página inteira para destacar a emoção de transmitir os JO para 5 bilhões de pessoas. Foi evidenciado na matéria os avanços tecnológicos que tornaram possível a transmissão em larga escala do megaevento. Interações via internet se destacaram se comparado a eventos anteriores. O Rio recebeu 1,17 milhão de turistas sendo que 440 mil foram estrangeiros. Um pouco desse mérito se deve a empresas como NET, Claro e Embratel que realizaram investimentos consideráveis em suas linhas de comunicação, possibilitando as transmissões ao vivo 24 horas por dia para mais de 200 países.

---

A categoria “*Saúde*” que apresenta 12 inferências, aborda reportagens referentes a investimentos na saúde da população e dos turistas envolvidos no megaevento. A Folha de São Paulo apresenta na página B9, do dia 3 de setembro, a conclusão de uma das grandes preocupações no período pré-olimpíadas: o Zika Vírus. Não houve nenhum caso confirmado no período devido ao preparo das unidades de saúde no Brasil e ao clima do mês de agosto que é menos propício para proliferação do mosquito transmissor. O jornal relata que houve desistências por parte de alguns atletas em participar do evento, o que reforça a ideia de preocupação inicial com um potencial infecção, porém, o título “Não deu Zika” enfatiza a vitória brasileira contra a figura antagonista que o vírus assumiu nos meios midiáticos. Tal abordagem corrobora para enaltecer narrativamente a construção de uma Brasil bem sucedido na realização das Olimpíadas.

A reportagem com maior destaque da categoria “*Investimento*” ocorreu no dia 22 de setembro, localizando-se na página B10. Sob o título “Procuradoria pede bloqueio de bens e afastamento da cúpula da CBDA”, a notícia informa a possível fraude na licitação de verba federal na compra de materiais esportivos, acusando a gestão de fraudulenta com desvios de dinheiro público que ultrapassaram o R\$ 1,5 milhão na época. Nas fotografias, uma delas destaca o presidente da CBDA com o corpo inclinado para frente e virado para o lado, o que pode simbolizar certa culpa e tentativa de fuga, a mão erguida, embora com a palma apontada para o lado, pode representar uma tentativa de justificar-se. Além disso, o olhar de canto, evitando contato direto com o leitor, e o sorriso contido pelo nervosismo são indícios de culpa (WEIL; TOMPAKOW, 2015).

Os demais fatos noticiosos desta categoria, ao total cinco, também falam sobre fraudes, sobretudo em licitações e gastos exacerbados para o desenvolvimento das Olimpíadas, o que reforçam a ideia de legado negativo para os Jogos Olímpicos (MESQUITA; BUENO, 2018; PAMPUCH; SCHAUSTECK DE ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2012; LIMA; TAKAKI; SOUSA COLATUONO, 2016).

Na notícia do dia 15 de setembro página A18, o jornal traz como título “Crise nos Estados atrasa e reajustes e repasses”, governadores usam exemplo do socorro ao Rio de Janeiro às vésperas das Olimpíadas. Os estados, visando fins lucrativos, queriam do governo mesmo tratamento que foi dado ao Rio de Janeiro, que recebeu 2,9 da União às vésperas dos Jogos ao decretar estado de calamidade pública. Há eras que homem utiliza as manifestações corporais para influenciar contextos não atrelados a prática em si, um problema tão sério que levou o Comitê Olímpico Internacional (COI) a adotar uma

postura de nulidade com relação a influências políticas externas do evento (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004). Mesmo assim, essa interferência é facilmente perceptível. As duas reportagens de maior destaque da categoria “*Política*” (página B6 do dia 23 de agosto e página ES4 do dia 21 de setembro) falam sobre as consequências dos Jogos nas eleições, de um lado elevando o nome de Eduardo Paes como candidato promissor, de outro criticando a gestão e os gastos exacerbados.

Em meio a esse cenário interno, na categoria “*Opinião*” observa-se um discurso de que o Brasil não foi capaz de articular-se satisfatoriamente para alcançar o objetivo de posicionar-se como superpotência mundial. Ainda na página B6 do dia 23 de agosto, outra reportagem levanta essa questão. Na análise, o jornalista Daniel Buarque discute que o Brasil não decepcionou nos Jogos, como era a preocupação de muitos, porém perdeu a oportunidade de apresentar um outro lado do país que não o das festividades, algo que reforçou o estereótipo brasileiro de lugar para diversão. Vale destacar que essa mensagem estereotipada o acompanha muito antes das Olimpíadas, inclusive durante as próprias campanhas publicitárias (PY; FRAGA, 2013).

As duas notícias da categoria “*Patrocínio*” falam sobre a polêmica do uso de imagem do atleta Isaquias Queiroz pela Petrobrás. A empresa exigia esses direitos para patrocinar as Paralimpíadas. O fato reforça a falta de credibilidade da empresa para com os Jogos Paralímpicos, uma vez que exigiu a imagem de um atleta com maior visibilidade e apelo publicitário ligado a outro megaevento. Tais práticas reforçam a mercantilização do esporte e dos atletas como veículo de propaganda para a promoção das empresas, devido ao seu valor simbólico (PRONI, 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da categoria “*Quadro de medalhas*” apresentar a terceira posição na quantidade de inferências, a categoria “*Modalidades*” (88 inferências) não trata de nenhuma específica, mas é o conjunto de esportes que receberam algum destaque pela Folha, majoritariamente aqueles em que o Brasil conseguiu ou esperava-se que conseguisse um bom desempenho, impactando diretamente o quadro de medalhas.

Considerando esse fato, é possível afirmar que o discurso da Folha com relação aos Jogos Olímpicos concentrou-se em torno de duas categorias: “*Organização*” (67 inferências) e “*Quadro de medalhas*” (62). Ao traçar o fio condutor que carregam as publicações midiáticas do Jornal, é possível compreender a ênfase dada a essas categorias.

A organização do evento é debatida em várias publicações mesmo que em aspecto secundário e, portanto, não enquadrado na categoria “Organização”, mas relevante de certo modo, pois indica a importância atribuída a esse aspecto.

As notícias do período analisado reforçam a ideia de um Brasil que tentou mostrar-se capaz de realizar um megaevento. Havia a necessidade de posicionar-se como uma nação competente no cenário mundial, o que também explica o destaque dado ao quadro de medalhas, às modalidades com maior potencial de vitória e aos heróis criados pela mídia. Percebeu-se que o medo de decepcionar gerou toda uma movimentação financeira e cultural para agradar ao público estrangeiro e inibir situações que pudessem descredibilizar o Rio de Janeiro, o que favoreceu alguns desgastes políticos, esquemas de corrupção e coerções sociais.

A pós-cobertura dos Jogos Olímpicos pela Folha de São Paulo foi marcada por um discurso positivo com relação à sua execução, embora o Jornal trouxesse diversos aspectos que contradizem essa positividade. Compreende-se, então, que essa perspectiva positiva se deu em um cenário internacional, onde, para o público externo, os Jogos foram muito interessantes, com ambiente amigável, festivo, organizado e propício ao entretenimento. Mesmo que seja uma imagem estereotipada do país, é preferível, ao invés de uma imagem problemática e estrutural interna do Brasil, devendo esta ser resguardada a própria população. Desse modo, a cobertura da Folha sugere que mesmo graves problemas na realização dos Jogos Olímpicos não têm relevância ou ficam em segundo plano, contanto que não seja destaque na visão internacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERGER, C. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: PORTO, S. D. (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2004.

CAMPOS, A. G. Uma agenda para o jornalismo nos Jogos Olímpicos Rio 2016. **Revista Alterjor**, ano 6, v. 2, 2015.

DAMO, A. D.; OLIVEN, R. G. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. **Horizontes Antropológicos**, ano 19, n. 40, p. 19-63, jul./dez. 2013.

---

FERNANDES, L. G.; AVILA, L. A. C.; CARMO, C. R. S. Análise de desempenho de atletas de alto rendimento: uma avaliação acerca dos legados intangíveis proporcionados aos países sede dos Jogos Olímpicos. **Revista de Auditoria Governança e Contabilidade**, v. 7, n. 27, p.1-16, 2019.

FOLHA DE S.PAULO. **Imagem do Jornal da Folha de S. Paulo**, edições 31.918 a 31.949, ano 96, São Paulo, ago./set. 2016. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp>>. Acesso em: 2 out. 2020.

GASTALDO, E. “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, ano 11, n. 22, p. 352-369, jul./dez. 2009.

GAWRYSZEWSKI, B. Cidade maravilhosa...para o capital: a produção do espaço urbano e os megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. **Trabalho necessário**, ano 11, n. 16, 2013.

HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LIMA, C. R.; TAKAKI, E. K.; SOUSA COLANTUONO, A. C. Possíveis impactos socioeconômicos das Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro. **Getec**, v. 5, n. 10, p. 77-98, 2016.

MESQUITA, F. A. TSUTSUI, A. L. N. A Comunicação Oficial dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016: infraestrutura e transparência como pautas centrais. *In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014, Foz do Iguaçu. Anais [...]. Foz do Iguaçu, 2014.*

MESQUITA, F. A.; BUENO, W. C. O legado olímpico em questão: do equívoco conceitual à avaliação negativa da imprensa brasileira. **Revista Comunicare**, v. 18, p. 86-99, 2018.

MEZZAROBA, C.; MESSA, F. C.; PIRES, G. L. Quadro teórico-conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático-esportivo. *In: PIRES, G. L. (Org.). O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. p. 21-45.*

PAMPUCH, M.; SCHAUSTECK DE ALMEIDA, B.; MARCHI JÚNIOR, W. Os legados estruturais dos Jogos Olímpicos (1992-2008): uma revisão de literatura. **Cadernos da Escola de Educação e Humanidades**, v. 1, p. 1-15, 2012.

PICCOLI, Y. L.; MOLIN, E. D. D.; A hora do dragão: a ascensão chinesa e a relação sul-sul na geração de uma nova agenda global. **Boletim do Tempo Presente**. v. 8, n. 4, p. 75-97, out./dez. 2019.

PINTO, G. M. C. et al. Desempenho olímpico e paralímpico: uma análise comparativa entre países nos jogos Rio-2016. **Conexões**, v. 15, n. 3, p. 319-337, 2017.

---

PRONI, M. W. A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Esporte e Sociedade**, ano 3, n. 9, 2008.

PY, L. O.; FRAGA, P. N. A identidade brasileira na narrativa publicitária nacional no contexto temático dos Jogos Olímpicos de 2016. In: V SIPECOM - Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação, 2013, Santa Maria. Anais [...]. Santa Maria: UFSM, 2013.

RIBEIRO, F. T. Legado de Megaeventos Esportivos Sustentáveis: A Importância das Instalações Esportivas In: RODRIGUES, R. P. et al. **Legados de Megaeventos Esportivos** Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p.107-116.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n.1, p. 55-68, jan./mar. 2010.

SACCHITIELLO, Bárbara. Circulação digital dos grandes jornais cresce no Brasil. **Meio e Mensagem**, 30 de janeiro de 2019. Disponível em:  
<<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/01/30/circulacao-digital-dos-grandes-jornais-cresce-no-brasil.html>>. Acesso em: 05 out. 2020.

SANFELICE, G. R. A midiatização do esporte. In: XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. **Anais...** Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009.

SCHAUSTECK DE ALMEIDA, B. Megaeventos esportivos, política e legado: o brasil como sede da Copa do Mundo Fifa 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. **Espacio Abierto**, v. 25, n. 2, p. 67-81, 2016.

SIGOLI, M. A.; ROSE JUNIOR, D. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 2, p. 111-119, 2004.

SILVA, M; PIRES, G. Os “Negócios Olímpicos” de 2016 no Brasil:” o esporte pode tudo”? **Motrivivência**, n. 32-33, p. 9-15, 2009.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTOS JUNIOR, C. L.; SILVA, W. A. Megaeventos esportivos: determinações da economia política, implicações didático-pedagógicas e rumos da formação humana nas aulas de Educação Física. **Em Aberto**, v. 26, n. 89, p. 57-66, 2013.

TODT, N., SCARTON, A.; MERLIN, G. Do Pessimismo da Razão ao Otimismo da Vontade: Experiências de Legado do Rio 2016. In: MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J.; PENA, B. G. **As pegadas dos mega eventos**. Rio de Janeiro: Engenho, 2017.

TOLEDO, R. M.; GRIX, J.; BEGA, M. T. S. Megaeventos esportivos e seus legados: uma análise dos efeitos institucionais da eleição do brasil como país-sede. **Revista de Sociologia Política**, v. 23, n. 56, p. 21-44. 2015

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. Petrópolis: Vozes, 2015.